

CARTA PASTORAL
POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DIOCESANO

“Somos pedras vivas”

(cf. 1 Pedro 2, 5).



Dom Nelson Francelino Ferreira
Bispo Diocesano de Valença - RJ

Março de 2024

Sumário

INTRODUÇÃO	5
I - A Igreja mistério-comunhão e sua expressão na Igreja Particular.....	6
II - O presente eclesial:	
espaço para uma espiritualidade de comunhão.....	7
III - Os desafios que o Jubileu /	
Centenário nos impõe para o futuro.....	12
CONCLUSÃO	23
ORAÇÃO PELO CENTENÁRIO DA DIOCESE DE VALENÇA.....	27

Dom Nelson Francelino Ferreira

por mercê de Deus e da Sé Apostólica, Bispo Diocesano de Valença, no Estado do Rio de Janeiro, aos queridos presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, seminaristas e fiéis de nossa amada Igreja Particular; saudação, paz e bênção no Senhor.

Queridos diocesanos, é com grande alegria que vos anuncio a celebração de um Duplo Ano Jubilar na nossa querida Diocese de Valença, para comemorar os dois mil e vinte cinco anos da Encarnação de Cristo e o centenário da ereção canônica da Diocese de Valença, dada por Sua Santidade, o Papa Pio XI, através da Bula *Apostolico Officio* em 27 de Março de 1925.

São cem anos de história diocesana que merecem uma celebração especial. Tantas décadas de vida fortalecem nossa fé e nos encorajam à vida e missão no presente. Somos herdeiros de um legado de fé e vida eclesial em muitas obras diocesanas. Por isso, com a celebração deste duplo Ano Jubilar desejamos:

- ✓ *Agradecer a Deus pelo dom da Igreja diocesana de Valença, e por tantos dons, que d'Ele recebemos ao longo deste século; pedir perdão pelos pecados e as infidelidades;*
- ✓ *Promover a conversão pessoal e comunitária a fim de reavivar a fé e a vida cristã de todos;*
- ✓ *Promover a tão sonhada e necessária conversão pastoral;*
- ✓ *Fortalecer o sentido de uma verdadeira comunhão eclesial;*
- ✓ *Caminhar juntos (sinodalidade) favorecendo a corresponsabilidade de todos na vida e missão da Igreja, através da valorização dos conselhos pastorais. Com esta Carta pastoral desejo encorajar e ajudar todos os fiéis a reencontrar-se como “ Pedras vivas dessa Igreja diocesana e retomando a celebração como um novo ardor missionário.*

INTRODUÇÃO

O significado do jubileu bíblico e do patrimônio histórico como memorial

1. Nossa peregrinação e pertença, como “pedras viva”, nesta Igreja diocesana de Valença completará 100 anos. Por isso, temos o privilégio de participar de um duplo jubileu: o centenário da ereção canônica de nossa Igreja Particular de Valença em 27/03/1925 e o centenário de 2025 anos de nossa Salvação, que como destacou São João Paulo II: *“Todos estes jubileus pessoais ou comunitários têm um papel importante. e significativo na vida dos indivíduos e das comunidades”*. (São João Paulo II. Carta Apostólica *Tertio Millenio Ineunte*, 1994, n. 15)
2. A celebração deste duplo Jubileu - diocesano e universal - deve ser uma expressão de alegria, interna e externamente tangível, porque o nosso Deus, com a sua graça, nos deu a oportunidade de experimentar a sua proximidade salvífica em nosso território diocesano, especialmente através da evangelização como ação de todos os agentes pastorais que vivem com grande entusiasmo a sua fé e adesão a Jesus Cristo numa pertença à Igreja.
3. As celebrações jubilares na Igreja têm apenas uma razão de ser, e esta é a intervenção salvífica de Deus Pai na história da humanidade, como já celebrava o povo de Israel, quando se comemorava a cada sete anos um “ano sabático” e em cada cinquenta anos um “jubileu”. Em ambos os casos, todos os gestos internos e externos que os filhos de Abraão tiveram de realizar expressaram a certeza de que *“Se Deus na sua Providência deu a terra aos homens, isso significava que a tinha dado a todos. Por esta razão, as riquezas da criação devem ser consideradas um bem comum para toda a humanidade. Quem possuía esses bens como sua propriedade era na realidade apenas um administrador; ou seja, alguém encarregado de agir em nome de Deus, o único proprietário no sentido pleno, sendo a vontade de Deus que os bens criados servissem a todos de forma justa. O ano jubilar deverá servir assim para restabelecer esta justiça social”* (São João Paulo II. Carta Apostólica *Tertio Millenio Ineunte*, 1994, n. 13)
4. A plenitude da ação salvífica de Deus e a razão central da nossa alegria, como homens de fé, é a Encarnação do seu Filho muito amado, nosso Senhor Jesus Cristo, que se torna um de nós no tempo, para que nos tornemos semelhantes a Ele. Na eternidade, Ele mesmo, com a sua vida e obras são o ano de graça do Senhor que o profeta Isaías havia anunciado e que o Mestre deixa claro que se cumpre n’Ele (*Lc 4, 16-30*). Portanto, *“O jubileu, “ano de graça do Senhor”, é uma característica da atividade de Jesus e não apenas a definição cronológica de um determinado aniversário”* (São João Paulo II. Carta Apostólica *Tertio Millenio Ineunte*, 1994, n. 11).
5. Celebrar então o Ano Jubilar diocesano nada mais é do que expressar, com muita força, que nos alegamos pela História da Salvação, e que convidamos todos a esta alegria, continuando a promover condições na Diocese de Valença para que a força da salvação possa ser comunicada a todos, especialmente àqueles que mais necessitam encontrar, conhecer, amar e seguir o Senhor, como nos indica o Documento de Aparecida: *“O amadurecimento no seguimento de Jesus e a paixão em anunciá-lo exigem que a Igreja particular renove constantemente a sua vida e o seu zelo missionário. Só assim poderá ser, para todos os batizados, casa e escola de comunhão, participação e solidariedade. Na sua realidade social concreta, o discípulo experimenta o encontro com Jesus Cristo vivo, amadurece a sua vocação cristã, descobre a riqueza e a graça de ser missionário e anuncia a Palavra com alegria.* (Documento de Aparecida, nº 167)
6. *“Há 100 Anos, o conjunto das Igrejas Diocesanas que nos circundavam, a própria diocese a quem pertencíamos (Barra do Pirai) e a Igreja de Roma, presidida, então, por Pio XI, refletiram e decidiram que tínhamos maturidade eclesial, integridade na fé e condições de sermos uma igreja particular; a Diocese de Valença nas terras altaneiras e montanhosas do sul fluminense, nos vales dos rios Preto e Paraíba do Sul”*. (Padre Medoro de O. S. Neto, em sua apresentação das Diretrizes Diocesanas (1994).
7. Agradecemos a Deus por tantos benefícios recebidos ao longo deste tempo, principalmente pelo empenho pastoral dos primeiros bispos: *Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1925 - 1936) – 1º Bispo;*

Dom Renato de Pontes (1938 - 1940) – 2º Bispo; Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena (1942 - 1960) – 3º Bispo; Dom José Costa Campos (1960 – 1979) – 4º Bispo; Dom Amaury Castanho (1980 – 1989) – 5º Bispo; Dom Elias James Manning (1990 – 2014) – 6º Bispo; que lançaram os alicerces firmes ao hoje da nossa Igreja Particular. Agradecemos e recordamos também, no sentido bíblico do memorial, a passagem de tantos e bons pastores que anunciaram o Evangelho nessas terras como párocos e vigários paroquiais antes da criação da Diocese. Todos colaboraram, em grande medida, para a formação de uma diocese hoje composta por 26 Paróquias e uma Quase Paróquia.

8. O Ano Jubilar, portanto, nos inspira em primeiro lugar, a dar graças ao nosso Deus, que é sumamente Bom e Fiel. Por isso, fazemos nosso o canto de louvor da Bem Aventurada, Virgem Maria, no Magnificat e o repetimos com toda a Igreja peregrina na história - o novo Israel, que é mistério de comunhão e sacramento de salvação. Em segundo lugar, o ano jubilar é um “kairós” - momento oportuno, na linguagem de São Paulo, para refletir sobre a identidade da Diocese e o seu compromisso eclesial com o futuro.

I - A Igreja mistério-comunhão e sua expressão na Igreja Particular.

“Assim, toda a Igreja se manifesta como “uma multidão reunida pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.
(Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática Lumen Gentium n. 4)

9. Este belo trecho da *Lumen Gentium* nos leva à essência do ser da Igreja como mistério-comunhão. Em primeiro lugar, vale esclarecer que o termo *mistério* não se refere a coisas ocultas, dignas de medo ou suspeitas; na eclesiologia do Concílio Vaticano II, mistério se refere às coisas sensíveis que nos levam ao conhecimento do transcendente, ao dom de Deus, isto é, ao significado de “sacramento”, que Santo Tomás de Aquino nos ensinou assim descrito: *“Os sinais são naturais ao homem, porque é da natureza do homem alcançar o desconhecido através das coisas conhecidas. E é por isso que o que se chama propriamente sacramento é o sinal de uma realidade sagrada destinada aos homens. Em outras palavras, no sentido em que o tomamos aqui, o que se chama propriamente sacramento é o que é sinal de uma realidade sagrada que santifica os homens”* (Summa Theologica, Parte III, q. 60). A Igreja, na sua essência deve torná-la conhecida nas suas manifestações externas, e como reflexo da comunhão íntima da Santíssima Trindade, deve ser sinal dessa sagrada realidade: *“A Igreja contém, portanto, e comunica a graça invisível que significa”* (CIC n.º 774), e deve santificar os seres humanos que o compõem: *“É o projeto visível do amor de Deus para com a humanidade”* (Paulo VI, Discurso aos Padres de Sagrado Colégio dos Cardeais, 22 de junho de 1973), que deseja *“que todo o gênero humano forme um único Povo de Deus, esteja unido num único Corpo de Cristo, coedificado num único templo do Espírito Santo”* (AG 7; cf. LG 17) (CIC n.º 776).

10. Esta Igreja, fundada por Jesus Cristo, e que é comunhão de mistério, subsiste na Igreja Católica e a ela, todos nós pertencemos como batizados pelo dom misericordioso de Deus; é guiada pelos bispos, sucessores dos apóstolos, e neles persiste aquela primeira instituição e doutrina da comunidade apostólica, como expressa claramente a *Dei Verbum*: *“Esta Tradição, que deriva dos Apóstolos, progride na Igreja com a ajuda do Espírito Santo: porque cresce na compreensão das coisas e das palavras transmitidas, quer através da contemplação e do estudo dos homens de fé, que nelas meditam nos seus corações, quer agora através da percepção íntima que experimentam das coisas espirituais, já pelo anúncio daqueles que com a sucessão do episcopado receberam o carisma certo da verdade. Isto é, a Igreja, ao longo dos séculos, tende constantemente para a plenitude da verdade divina, até que nela se cumpram as palavras de Deus”* (Concílio Vaticano II, Constituição Dei Verbum n.º 8). Portanto, a Igreja é uma comunidade apostólica também na sua essência, sobre o fundamento dos apóstolos o Senhor quis construí-la de forma clara e visível.

11. A comunhão-mistério, que é a Igreja, deve ser entendida na sua dupla dimensão: vertical-invisível, como a comunhão de cada um de nós com Deus, e horizontal-visível, como a comunhão entre nós que fomos

enxertados no Corpo de Cristo através do Batismo. Através destes sinais visíveis de comunhão, Cristo exerce na história a sua função profética, sacerdotal e real para a salvação dos seres humanos, e esta relação constante e dinâmica entre ambas as dimensões da comunhão eclesial, vertical-invisível e horizontal-visível, é o que torna a Igreja, Sacramento da Salvação: *“Desta sacramentalidade resulta que a Igreja não é uma realidade fechada em si mesma, mas permanentemente aberta à dinâmica missionária e ecumênica, pois foi enviada ao mundo para anunciar e testemunhar, atualizar e ampliar o mistério de comunhão que a constitui: reunir tudo e todos em Cristo; ser para todos “um sacramento inseparável de unidade””* (Carta *Communio in notio* n. 4, 28 de maio de 1992. Congregação para a Doutrina da Fé).

12- A presença da Igreja universal no mundo, para anunciar, testemunhar, atualizar e ampliar a sua essência de mistério-comunhão, concretiza-se e torna-se operacional na particularidade e na diversidade das pessoas, dos grupos, dos tempos e dos lugares, e entre estes encontram-se aquelas que, em si, são Igrejas, isto é, as dioceses ou Igrejas Particulares que o Concílio Vaticano II assim descreveu: *“A diocese é uma porção do Povo de Deus que é confiada a um Bispo para alimentá-la com o cooperação do presbitério, para que unido ao seu pastor e por ele reunido no Espírito Santo através do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual verdadeiramente existe e opera a Igreja de Cristo, que é Una, Santa, Católica e Apostólica”* (Decreto *Christus Dominus*, n. 11).

13. A Igreja universal – única - dá à luz as dioceses como filhas, expressa-se nelas na sua particularidade. Portanto, a Igreja universal é como uma mãe e não fruto da união de Igrejas Particulares. A diocese mantém uma profunda relação de interioridade mútua com a Igreja Universal, como expressa São João Paulo II: *“Na base da comunhão, que sustenta a Igreja na sua constituição íntima e nas suas mais variadas expressões concretas e históricas, “A exuberante constrói-se a mútua relação interior entre a Igreja universal e as Igrejas particulares”* (Discurso à Cúria Romana, 21 de dezembro de 1990).

14. Esta mútua relação interior se manifesta no fato de cada diocese ter as suas raízes, as suas tradições, a sua missão de anunciar o *querigma*, o caminho de crescimento na fé como discípulos e missionários de Jesus Cristo, mas mantendo imutável o vínculo com a primazia da Cátedra de Pedro que, como explica o Concílio, *“preside a assembleia universal da caridade, protege as diferenças legítimas e ao mesmo tempo garante que as divergências sirvam a unidade em vez de a prejudicarem. Disto derivam finalmente, entre as diversas partes da Igreja, vínculos de íntima comunhão no que diz respeito às riquezas espirituais, aos trabalhadores apostólicos e à ajuda temporal. Os membros do Povo de Deus são chamados à comunicação de bens, e a cada uma das Igrejas podem aplicar-se as seguintes palavras do apóstolo: “O dom que cada um recebeu, coloque-o ao serviço dos outros, como bem administradores da multiforme graça de Deus””* (1 Pd 4,10) (LG n. 13). A singularidade da Igreja universal manifesta-se assim e é garantida, expressa na particularidade das dioceses como Igrejas próprias. É assim que a beleza e a grandeza deste mistério e dom de Deus, que é a Igreja, se expressam a partir da sua unidade e diversidade coesas na comunhão como elemento essencial.

II - O presente eclesial: espaço para uma espiritualidade de comunhão.

15. É importante que façamos um pouco de memória e confirmação eclesial da nossa realidade última e presente *“... mas também acarreta o risco de grandes monopólios e de transformar o lucro em valor supremo... Embora haja motivos de preocupação relativamente às formas de governo autoritárias ou sujeitos a certas ideologias que se acreditavam ultrapassadas e que não correspondem à visão cristã do homem e da sociedade, como nos ensina a doutrina social da Igreja... já que os setores sociais que são cada vez mais testados por uma enorme pobreza ou até mesmo a pilhagem dos próprios bens naturais... percebe-se, no entanto, um certo enfraquecimento da vida cristã na sociedade como um todo e da pertença à Igreja Católica devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas novas expressões pseudo-religiosas e prosélicas”* (Bento XVI, Sessão de abertura da Conferência de Aparecida, 13 de maio de 2007).

16. Tais palavras do Papa Bento XVI nos oferecem uma síntese da realidade em que nos encontrávamos no momento da inauguração da Conferência de Aparecida e que também nos encontramos hoje, no Brasil. Estas sábias e preciosas observações se complementam extraordinariamente com o que afirmou o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “*A humanidade vive atualmente uma virada histórica, que podemos ver nos avanços que ocorrem em vários campos. São louváveis os avanços que contribuem para o bem-estar das pessoas, como, por exemplo, nos domínios da saúde, da educação e da comunicação. No entanto, não podemos esquecer que a maioria dos homens e mulheres do nosso tempo vive de forma precária, dia após dia, com consequências terríveis. Algumas patologias estão aumentando. O medo e o desespero tomam conta do coração de muitas pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver muitas vezes se extingue, a falta de respeito e a violência crescem, a desigualdade é cada vez mais evidente. É preciso lutar para viver e, muitas vezes, viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi gerada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, acelerados e cumulativos que ocorrem no desenvolvimento científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diferentes campos da natureza e da vida. “Estamos na era do conhecimento e da informação, uma fonte de novas formas de poder muitas vezes anônimo”* (Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n° 52. Papa Francisco, 24 de novembro de 2013).
17. Neste texto, o Papa reflete muito a realidade vivida por aqueles que peregrinam também na Diocese de Valença. Com dor, temos que dizer: muitas destas desastrosas consequências sociais resultam do fato de, desde as nossas famílias, temos nos deixado permear por uma filosofia e cultura egocêntrica, indiferente, materialista e consumista que, em muitas ocasiões, são vividas entre aparências e competências que nos fizeram esquecer de nossa fraternidade, filhos e filhas do mesmo Pai, e que devemos viver como tais.
18. A realidade histórica na qual vivemos a fé nestas duas primeiras décadas do terceiro milênio, é uma grande oportunidade para dar vida à exortação da Primeira Carta de Pedro: “*Estai sempre prontos para defender-vos diante de qualquer um*”. “*Peça uma razão para a esperança que você tem. Mas faça-o com delicadeza e respeito, e com paz de consciência*” (1Pd. 3, 15b-16a). Sem dúvida, muito do nosso testemunho e credibilidade está em jogo nessa questão. A condição de pessoas de fé nos obriga a ser pessoas de esperança, a oferecer e a mostrar outras alternativas que a experiência do sobrenatural nos proporciona. E aquela esperança que nos faz acreditar e amar, somos chamados a vivê-la e testemunhá-la a partir da realidade da comunhão eclesial.
19. Como Igreja de Cristo e mistério de comunhão, que se expressa na *diocesaneidade*, devemos nos esforçar para viver e testemunhar em todo território da Diocese de Valença tão grande e importante propósito, visando crescer na verdadeira espiritualidade de comunhão, como nos pediu São João Paulo II no início do terceiro milênio: “*Fazer da Igreja casa e escola de comunhão: este é o grande desafio que temos diante de nós no milênio, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e também responder às profundas esperanças do mundo. O que tudo isso significa especificamente? Também aqui a reflexão poderia tornar-se imediatamente operacional, mas seria errado deixar-se levar por este primeiro impulso. Antes de programar iniciativas concretas, é necessário promover uma espiritualidade de comunhão, propondo-a como princípio educativo em todos os lugares onde se formam o homem e o cristão, onde se formam os ministros do altar, os consagrados e os agentes de pastoral, onde constroem famílias e comunidades*” (NMI n° 43). O Papa fala de um princípio educativo, ou seja, devemos nos educar e entrar numa dinâmica diferente que só pode ser vista e compreendida a partir da realidade eclesial mais íntima e pura como mistério de comunhão.
20. Portanto, no meio de tantas propostas, relativismos e ideologias, é necessário compreender bem e deduzir as implicações desta espiritualidade de comunhão. São João Paulo II, naquela seção do *Novo millennio ineunte*, nos explica com uma clareza desafiadora o que isso significa para ele:
- 1) *Poder reconhecer a luz do mistério da Trindade também no rosto dos irmãos que estão ao nosso lado.*
 - 2) *Estai atentos “ao irmão da fé na unidade profunda do Corpo místico, considerando-o como “aquele que me pertence”, para saber partilhar as suas alegrias e os seus sofrimentos, intuir os seus desejos e atender às suas necessidades, oferecer-lhe uma amizade verdadeira e profunda”.*
 - 3) *A capacidade de reconhecer o que há de positivo no outro, de acolhê-lo e valorizá-lo como um dom que Deus me dá através de quem o recebeu, além de sua pessoa, que então se torna administrador das graças divinas.*

- 4) *Em suma, “saber dar espaço ao irmão, carregando mutuamente o fardo dos outros (cf. Gl 6,2) e rejeitando as tentações egoístas que continuamente nos atormentam e geram competitividade, desejo de carreira, desconfiança e inveja...”*
21. Este grande projeto da Igreja como mistério-comunhão, como casa e escola de comunhão, é sem dúvida, antes de tudo, fruto da experiência de fé, pois como destacou o Papa Bento XVI: *“Podemos ainda fazer outra pergunta: O que a fé neste Deus nos dá? A primeira resposta é: ele nos dá uma família, a família universal de Deus na Igreja Católica. A fé liberta-nos do isolamento de nós mesmos, porque nos leva à comunhão: o encontro com Deus é, em si e como tal, um encontro com os irmãos, um ato de convocação, de unificação, de responsabilidade para com o outro e para com os outros, a massa sobra, os descartados... Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9)”* (Bento XVI Sessão de Abertura da Conferência de Aparecida, 13 de maio de 2007). Sem fé não podemos entrar ou participar no projeto de Deus, sem fé não podemos compreender e viver na Igreja. Somente a partir de uma verdadeira experiência de fé, o mistério e a espiritualidade na Igreja podem ser compreendidos e vividos.
22. A fé não é improvisada e muito menos é resultado de um esforço humano para alcançá-la. Pelo contrário, a experiência de fé surge inevitavelmente do encontro pessoal e comunitário com a pessoa viva de Jesus Cristo, por isso *“não se começa a ser cristão através de uma decisão ética ou de uma grande idéia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com ele, uma orientação decisiva”* (Carta Encíclica *Deus caritas est*, n.1, Bento XVI). Portanto, a fé, como encontro com Jesus, nos introduz na vida da Igreja, e ela, como mãe e mestra, forma-nos e ajuda-nos a tornar-nos discípulos-missionários de Jesus.
23. A característica essencial de ser discípulo e missionário de Jesus é ser chamado à comunhão na e com a Igreja, como nos diz o documento de Aparecida: *“A vocação ao discipulado missionário é um chamado à comunhão na sua Igreja”*. Não há discipulado sem comunhão” (DAp. n. 156). Este é o grande desafio para uma Igreja Particular, na qual se deve exprimir a Igreja de Jesus Cristo como mistério-comunhão. Trata-se, portanto, de dar testemunho vivo dessa comunhão, na medida em que todos nós batizados que nela peregrinamos, segundo a nossa vocação específica, com os nossos carismas, ministérios e serviços, devemos nos colocar à disposição dos outros, para que a caridade possa circular (cf. 1 Cor 12, 4-12).
24. Neste sentido, uma verdadeira espiritualidade de comunhão exige que *“a Igreja particular se renove constantemente na sua vida e no seu zelo missionários. Só assim poderá ser, para todos os batizados, uma casa e uma escola de comunhão, de participação e de solidariedade”* (DAp, nº 167), e na qual todos nos comprometemos a construir cada espaço e lugar de forma concreta, como expressão de comunhão. A missão gera e vivifica a comunhão, pois todos nós, sentindo-nos enviados, cumprimos juntos a tarefa comum da Igreja, que é evangelizar.
25. Dentro da dinâmica da comunhão diocesana, as paróquias devem ser uma comunidade de comunidades, células eclesiais vivas que vivem e testemunham eficazmente a comunhão, e para isso devem *“reformular as suas estruturas, para que seja uma rede de comunidades e grupos, capaz de se articular, fazendo com que seus membros se sintam verdadeiramente e sejam discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão”* (DAp, nº 172). Na Diocese de Valença, temos levado a cabo este processo com os *“conselhos e as assembleias paroquiais”*, que devemos reforçar e encorajar com mais entusiasmo e empenho, para se apresentarem como melhor expressão do dinamismo e da comunhão diocesana encarnados nas comunidades paroquiais.
26. Algo muito importante que não devemos esquecer, e no qual tenho insistido muito durante as visitas pastorais, é que uma experiência de renovação paroquial deve nos levar a criação de espaços de formação constante para os nossos leigos, pois *“multiplicando-os, poderemos responder às exigências missionárias do momento atual. É importante lembrar também que, nesse momento de tantas transformações no cenário pastoral, que o campo específico da atividade evangelizadora dos leigos é o complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, da mídia e da economia, bem como as áreas da família, da educação, da vida profissional, especialmente em contextos onde a Igreja está presente apenas para*

eles” (DAp, nº 174). Sem dúvida, os nossos leigos constituem a grande maioria das nossas comunidades paroquiais e estão presentes nos diversos campos da vida social, com iniciativas e protagonismos no seu seio, portanto, para que sejam fermento na massa (Mt. 13, 33), é necessário que estejam devidamente formados e preparados para cumprir a sua missão com competência e eficácia.

27. Uma renovada experiência de vida paroquial nos ajudará a concretizar o apelo forte e desafiador que o Papa Francisco nos faz nos números 76 a 101 da *Evangelii Gaudium*, onde nos fala sobre as tentações dos agentes pastorais e que resumo as apresento a seguir com as seguintes frases:

- a) - Sim ao desafio de uma espiritualidade missionária!
- b) - Não à acídia egoísta. Não nos deixemos roubar a alegria evangelizadora!
- c) - Não ao pessimismo estéril. Não vamos deixar que nossa esperança seja roubada!
- d) - Sim às novas relações que Jesus Cristo gera. Não nos deixemos roubar da comunidade!
- e) - Não ao mundanismo espiritual. Não nos deixemos roubar do Evangelho!
- f) - Não à guerra entre nós. Vamos fazer isso hoje! Não nos deixemos roubar o ideal do amor fraterno!

Não há dúvida de que esta é uma conversão pastoral e uma mudança de paradigma na forma como entendemos e vivemos a nossa pertença e compromisso comunitário. Não é apenas uma espiritualidade de comunhão, mas também, e ao mesmo tempo, uma mística e uma espiritualidade missionária.

28. Para promover o crescimento em vista a espiritualidade de comunhão no caminho das comunidades paroquiais, devemos rever quanto e como facilitamos o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, especialmente nos diferentes lugares e espaços de encontro que a Igreja nos oferece. Pois como bem disse o Bento XVI: *“A Igreja é a nossa casa. Esta é nossa casa. Na Igreja Católica temos tudo o que há de bom, tudo o que é motivo de segurança e conforto. Quem aceita Cristo, “caminho, verdade e vida”, na sua totalidade, tem garantida a paz e a felicidade, nesta vida e na próxima”* (Bento XVI Discurso no final do Terço em Aparecida, 12 de maio de 2007, Bento XVI). Todos somos corresponsáveis, uns e outros, por favorecer pessoal e comunitariamente este encontro vivo e verdadeiro com Jesus. A vida da Igreja se exprime na união com Ele e uns com os outros na sua missão, testemunho e fecundidade. Sem Ele nada podemos fazer (cf. Jo 15, 5).

29. Nessa casa e escola de comunhão, que é a Igreja, somos ajudados a nos encontrar com Jesus Cristo a partir dos seguintes âmbitos e experiências:

a) A Sagrada Escritura - lida na Igreja, fortalecendo iniciativas de aproximação com todos os agentes pastorais da Palavra de Deus, através de cursos bíblicos, encontros familiares com a Palavra, *lectio divina*, pequenos grupos de vizinhos que se reúnem para rezar com a Palavra, e muitas outras iniciativas que podem ser organizadas, como afirma claramente a *Verbum Domini*: *“é aconselhável que a atividade pastoral favoreça também a difusão de pequenas comunidades, “constituídas por famílias ou sediadas em paróquias ou ligadas a vários movimentos eclesiais e novas comunidades missionárias”, nas quais se promove a formação, a oração e o conhecimento da Bíblia segundo a fé da Igreja”* (Exortação *Verbum Domini*, n. 73, Bento XVI). A fé e a experiência de comunhão eclesial nascem da escuta atenta e do cumprimento fiel da Palavra de Deus a partir das diversas realidades e circunstâncias da comunidade.

b) Na Sagrada Liturgia - onde encontramos Jesus Cristo, único e eterno sacerdote, como nos diz belamente o Concílio Vaticano II: *“Com razão, então, a Liturgia é considerada o exercício do sacerdócio de Jesus Cristo. Nele os sinais sensíveis significam e, cada um a seu modo, realizam a santificação do homem, e assim o Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, a Cabeça e seus membros, exerce o culto público completo. Por conseguinte, cada celebração litúrgica, porque é obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo, que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e na mesma medida, não é igualada por nenhuma outra. ação da Igreja”* (SC nº 7). A fé da comunidade é celebrada, vivida e partilhada no exercício da liturgia como fonte privilegiada de santificação e crescimento espiritual da própria comunidade.

- c) **Na Eucaristia** - como lugar privilegiado e central do encontro do discípulo com Jesus Cristo, raiz e força da nossa espiritualidade de comunhão eclesial, como expressou o Papa Bento XVI: *“Precisamente a realidade da única Eucaristia que se celebra em cada diocese pelo próprio Bispo, permite-nos compreender como subsistem as mesmas Igrejas particulares na e ex Ecclesia. Com efeito, «a unidade e indivisibilidade do Corpo Eucarístico do Senhor implica a unidade do seu Corpo místico, que é a Igreja una e indivisível. Do centro eucarístico nasce a abertura necessária de cada comunidade celebrante, de cada Igreja particular: deixando-se atrair pelos braços abertos do Senhor; segue-se a inserção no seu Corpo, único e indiviso. Por isso, na celebração da Eucaristia cada fiel está na sua Igreja, isto é, na Igreja de Cristo. Nesta perspectiva eucarística, bem compreendida, a comunhão eclesial revela-se uma realidade católica pela sua própria natureza”* (Exortação *Sacramentum Caritatis*, n.15, Bento XVI, 22 de Fevereiro de 2007). Da Eucaristia, sacramento fonte da Igreja, não só se vive e se exprime a sua unidade íntima, mas ao mesmo tempo é também fonte de fecundidade apostólica e testemunhal para nós, que fazemos parte da comunidade eclesial. Sem a Eucaristia não há vida da Igreja, sem a Eucaristia não poderíamos dar testemunho nem fruto da nossa fé.
- d) **No Sacramento da Reconciliação** - como um lugar privilegiado para experimentar o rosto amoroso do Pai, que abraça o filho que regressa à casa paterna, atingido pela dureza da fraqueza; neste sacramento, a misericórdia do Pai exprime-se admiravelmente e está presente no ministro eclesial que: *“Como no altar onde celebra a Eucaristia e como em cada um dos Sacramentos, o Sacerdote, ministro da Penitência, atua “in persona Christi.” Cristo, que ele torna presente e por meio dele realiza o mistério da remissão dos pecados, é aquele que se apresenta como irmão do homem, pontífice misericordioso, fiel e compassivo, pastor determinado a procurar a ovelha perdida, médico que cura e conforta, o único mestre que ensina a verdade e indica os caminhos de Deus, juiz dos vivos e dos mortos, que julga segundo a verdade e não segundo as aparências”* (Exortação *Reconciliatio et poenitentia*, n. 29, Santo João Paulo II, 2 de dezembro de 1984). Que riqueza e profundidade deste sacramento que devemos experimentar frequentemente para o nosso crescimento espiritual e conversão pessoal e comunitária. Este encontro com a misericórdia do Senhor é também uma fonte perene de renovação e de santificação.
- e) **Na oração pessoal e comunitária** – grande e sincera manifestação da nossa necessidade permanente da graça de Deus, para que Ele molde todos à imagem de Seu Filho Jesus Cristo, como nos disse o Papa Francisco: *“Finalmente, embora possa parecer óbvio, recordemos que a santidade é feita de uma abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração. O santo é uma pessoa com espírito orante, que precisa se comunicar com Deus. É alguém que não suporta sufocar na imanência fechada deste mundo, e no meio dos seus esforços e dedicações suspira por Deus, sai de si no louvor e amplia os seus limites na contemplação do Senhor. Não acredito na santidade sem oração, embora não se trate necessariamente de longos momentos ou de sentimentos intensos”* (Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, n. 147, Papa Francisco, 19 de março de 2018). Claramente afirmado pelo Papa, sem oração não há santidade, nem crescimento, nem fruto, nem identidade cristã autêntica. A oração deve ser o oxigênio da nossa fé.
- f) De modo especial, **nos pobres, nos aflitos e nos doentes** - somos chamados a encontrar Jesus Cristo como Ele mesmo nos expressou: *“E o Rei lhes responderá”. Assim: Em verdade vos digo: “Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes... Então ele lhes responderá assim: Em verdade vos digo: tudo o que não fizestes a um dos menos destes, você não fez comigo.”* (Mt 25,40.45). Sem dúvida, os pobres, os aflitos, os doentes, os marginalizados, os descartados da nossa sociedade cada vez mais consumista e materialista - são um lugar teológico no qual temos a grande oportunidade de encontrar o Senhor, como sublinhou São João Paulo II no início deste milênio: *“O século e o milênio que se inicia ainda terão de ver; e espera-se que o vejam de forma palpável, até que ponto pode chegar a dedicação da caridade para com os mais pobres. Se partimos verdadeiramente da contemplação de Cristo, devemos saber descobri-la sobretudo no rosto daqueles com quem Ele mesmo quis identificar-se”* (NMI n° 49).

30. Ao completar 100 anos de peregrinação como Igreja particular, nossa Diocese agradece e avalia o caminho percorrido. Para melhorar seu projeto de espiritualidade de comunhão, se vê neste momento jubilar com o dever de se lançar, com muita audácia, esperança e confiança na misericórdia de Deus, sobre os grandes de-

safios que concretizam na ação pastoral à uma expressão credível da Igreja de Jesus Cristo como comunhão e mistério. Para tanto, podemos nos apropriar das palavras fortes do Papa Francisco: “*Os desafios existem para serem superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação esperançosa. Não nos deixemos roubar a força missionária!*” (EG nº 109).

III - Os desafios que o Jubileu / Centenário nos impõe para o futuro.

31. No início do meu ministério episcopal na Diocese de Valença, assumi a tarefa de conhecer cada uma das comunidades paroquiais, através de visitas para celebrar as festas dos padroeiros, as Crismas, sobretudo, através das “visitas pastorais”. Com esta abençoada e rica experiência consegui entrar em contato e dialogar com os fiéis que vivem em mais de duzentas e cinquenta comunidades e centros paroquiais que nos compõem como Igreja. Sem contar as visitas nas instituições, centros educativos, associações de desenvolvimento humano, empresas, ambientes de trabalho e outras instâncias comunitárias. Este caminho pastoral, que já dura dez anos, me dá a possibilidade de apresentar-vos uma série de desafios que o momento histórico nos impõe como Igreja diocesana. É fato que em alguns destes já demos passos importantes, em outros temos o imperativo evangélico de entrar ainda no caminho com responsabilidade. Que a celebração do Jubileu Diocesano seja uma oportunidade para avaliar a nossa contribuição como batizados que somos, em cada um destes desafios e, portanto, membro da Igreja de Jesus Cristo, mistério de comunhão, revalidar a minha e a nossa contribuição para o futuro da nossa Diocese de Valença.

32. Em primeiro lugar, para que respondamos com fidelidade ao Evangelho e profundo amor para com a Igreja, vos recordo o objetivo pastoral da Diocese, definido pelos agentes pastorais em 2022 na realização da IXª Assembleia Diocesana de Pastoral, e que deve ser o ponto de referência ao qual canalizamos todas as nossas ações pastorais:

“EVANGELIZAR as cidades na Diocese de Valença, / cada vez mais urbanas, / pelo anúncio da Palavra de Deus, / formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, / à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, / cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude”.

1º desafio - Fortalecer a identidade eclesial diocesana para ganhar uma verdadeira consciência comunitária e fraterna.

33. Nos capítulos anteriores apresentamos, de forma sintética, a riqueza magisterial do mistério-comunhão da Igreja de Jesus Cristo, que se expressa também em nossa Igreja Particular. Partindo deste pressuposto, cabe a todos os nós batizados e batizadas, crescer na espiritualidade da comunhão, essencial e necessária, para concretizar este mistério na vida pastoral.

34. Numa sociedade em que prevalece o individualismo e as ofertas doutrinárias e ideológicas estão na ordem do dia, o primeiro perigo que se corre é perder a identidade pessoal e comunitária; atualmente nos deparamos com muitas pessoas batizadas que flertam com outros tipos de doutrinas e práticas que essencialmente se conflituam com o Evangelho de Jesus Cristo. O Papa Francisco dirigindo-se aos jovens argentinos, no Rio de Janeiro, pediu que estivessem vigilantes contra este perigo. Suas palavras cabem também à nós: “*Por favor, não liquefaçam a fé em Jesus Cristo... A fé é inteira, não se liquefaz. É fé em Jesus. É a fé no Filho de Deus feito homem, que me amou e morreu por mim... não liquefaça a fé em Jesus Cristo. As bem-*

-aventuras. Leia as bem-aventuras que serão boas se quiser saber que coisa prática deve fazer, leia Mateus 25, que é o protocolo com o qual vão nos julgar. Com essas duas coisas têm o programa de ação: As Bem-aventuras e Mateus 25. Não precisam ler mais nada” (Papa Francisco - Encontro com jovens argentinos, Catedral de São Sebastião, 25 de julho de 2013).

35. É urgente, para a nossa realidade diocesana, que, antes de tudo, cada agente pastoral tenha isso muito claro e assuma Jesus Cristo como uma opção fundamental de vida. A nossa identidade como seguidores de Jesus Cristo, e como membros vivos desta Igreja de Jesus Cristo através do batismo, deve nos levar a consideração de que *“Sendo a Diocese a experiência concreta na qual “a Igreja de Cristo se funda e opera verdadeiramente, o que é uma Igreja: una, santa, católica e apostólica”* (Decreto *Christus Dominus* n. 11). Neste sentido, a nossa ligação à Igreja diocesana não pode ser um mero formalismo social, nem ser determinada por critérios simplesmente sociológicos. Ser Igreja e viver em comunhão diocesana é uma experiência de fé que molda a nossa vida de discípulos e missionários e, portanto, tem o seu fundamento no próprio Senhor: *“ele os chamou para estar com ele e para enviá-los a pregar”* (Mc 3, 14). Por isso, a experiência de ser Igreja é precedida pela livre eleição que o Senhor faz de si e liga os discípulos à sua própria vida (Cf. DAp 131)
36. Neste sentido, faço aqui um agradecimento especial aos fiéis leigos e leigas que, com tanto amor e empenho, entregam sua vida nos mais variados serviços realizados nas comunidades paroquiais, nos grupos e movimentos, e até nas pequenas comunidades. Ao mesmo tempo, faço um apelo, a fim de sigam na promoção de espaços de comunhão e valorização dos serviços que cada um presta em comunhão com a Igreja diocesana.
37. A experiência da pandemia COVID-19, vivenciada por todos nos fez despertar para esta profunda necessidade de uns para com os outros, e ainda, de valorizar o quanto sou importante para a comunidade e vice-versa. Nós, como Igreja particular, tivemos muitas iniciativas para manter vivo e forte este esforço de comunhão que a pandemia tanto abalou; não desperdicemos a oportunidade de testemunhar a comunhão, a fraternidade e a solidariedade.

2º desafio - Fortalecer o anúncio do *querigma* a todos os agentes pastorais para alcançar uma missão evangelizadora mais atraente.

38. Para isso nos disse São Paulo VI: *“Evangelizando, a Igreja começa por evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, precisa de escutar incessantemente aquilo em que deve acreditar, as razões para esperar, o novo mandamento do amor. O povo de Deus, imerso no mundo e muitas vezes tentado pelos ídolos, precisa saber proclamar “a grandeza de Deus”, que o converteu ao Senhor, e ser novamente convocado e reunido por Ele. Numa palavra, isto significa que a Igreja precisa sempre ser evangelizada, se quiser preservar o seu frescor, o seu impulso e a sua força para anunciar o Evangelho. O Concílio Vaticano II recordou, e o Sínodo de 1974 reiterou com insistência, este tema da Igreja que se evangeliza através da conversão e da renovação constantes, para evangelizar o mundo de forma credível.* (Exortação *Evangelii nuntiandi*, n. 15, São Paulo VI, 8 de dezembro de 1975). É impressionante que este texto de quase 49 anos atrás, nos pareça tão atual, pois é urgente e necessário não perdermos de vista a necessidade permanente de primeiro sermos evangelizados para depois evangelizar. Portanto, em nossa sociedade cada vez mais descristianizada, líquida, atomizada e indiferente, devemos iniciar e até continuar processos de evangelização a partir da experiência de um anúncio querigmático. Não podemos pressupor coisas que, num passado mais cristão e eclesial, poderíamos pressupor com facilidades e clareza.
39. Este princípio de primeiro ser evangelizado e depois evangelizar, é a razão pela qual o *querigma*, anúncio do amor trinitário, que se concretizou de forma extraordinária na vida, paixão, morte e ressurreição do Senhor, deve estar sempre presente em qualquer ação eclesial evangelizadora, como nos aponta Aparecida: *“Na nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um “encontro pessoal com Jesus Cristo”, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio querigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores, conduzindo a uma conversão pessoal e a uma mudança integral de vida”* (DAp nº 226).

40. Em nossa vida eclesial e pastoral tem sido habitual iniciar grupos, movimentos e experiências em pequenas comunidades, com um primeiro anúncio de fortes conteúdos querigmáticos. Cada um destes grupos, movimentos e comunidades deu um nome diferente a estes anúncios, não esqueçamos que o *Kerygma* não é um específico anúncio, mas como sublinha o Papa Francisco: *“Quando este primeiro anúncio se chama “primeiro”, isso não significa que esteja no início e depois seja esquecido ou substituído por outro conteúdo que o supere. É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que deve ser sempre ouvido novamente de diferentes maneiras e aquele que deve ser sempre reanunciado de uma forma ou de outra”* (EG nº 164).

41. É possível, por termos deixado um pouco de lado a primazia do anúncio querigmático, muitas vezes baseado num crescimento meramente intelectual do conhecimento de Jesus Cristo, que encontremos ainda hoje agentes pastorais com pouca identidade cristã e até mesmo católica, que abandonaram o serviço comunitário e não viveram ou vivem hoje a sua vocação batismal. Exorto-vos a, em nossas comunidades, pastorais, movimentos e paróquias priorizarmos a Iniciação Cristã e querigmática com toda a sua força para nossas vidas.

3º desafio - Promover a formação integral dos agentes pastorais como discípulos e missionários, para que, no seu dia a dia, transformem o seu ambiente com os valores do evangelho.

42. Numa sociedade tão líquida como a que vivemos nossa fé, é urgente, para alcançar uma verdadeira identidade eclesial - afetiva e eficaz - que assumamos na Diocese uma visão abrangente e querigmática e a formação permanente, cujo a finalidade, como nos aponta Aparecida, *“é ajudar os membros da Igreja a encontrar sempre Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a sua própria Identidade e missão cristã no mundo. Portanto, a formação obedece a um processo integral, ou seja, inclui diversas dimensões, todas harmonizadas entre si em unidade vital. Ao mesmo tempo, a formação é permanente e dinâmica, de acordo com o desenvolvimento das pessoas e do serviço que são chamadas a prestar, em meio às exigências da história* (DAp nº 279).

43. Reconheço e aprecio os espaços formativos em curso, nas mais distintas comunidades paroquiais, grupos e movimentos, experiências em pequenas comunidades, comissões diocesanas para a pastoral e outros organismos diocesanos. Contudo, vos convido a rever os seus conteúdos e metodologias, de modo que respondam as necessidades e disponibilidade de tempo dos nossos agentes pastorais e fiéis leigos em geral. Pois, com criatividade e audácia, somos chamados a promover diversos espaços nos quais os batizados, através de propostas formativas consistentes e com diferentes projeções, possam aprofundar a sua identidade e o sentido de pertença à vida eclesial. Essa é uma tarefa que, embora verdadeira, deve ser promovida como espaço comunitário de integração do compromisso de cada crente na busca da sua própria formação e identidade cristã e eclesial.

44. A pandemia, neste sentido, nos obrigou a dar subitamente um salto tecnológico, o que tem sido um grande desafio para nós, e deixou resultados que merecem ser apreciados e mantidos ativamente a partir de agora. Portanto, devemos analisar, neste espaço de formação, a grande oportunidade que os meios virtuais representam nas plataformas de educação a distância, para a criação de um *Programa Virtual de Formação de Leigos*.

4º desafio – Fortalecer a vida litúrgica das nossas comunidades paroquiais.

45. A profundidade e a riqueza espiritual contida na liturgia da Igreja é uma fonte inesgotável de graça e santificação que não devemos, por motivo algum, negligenciar ou abandonar. Cada sinal, gestos e palavras na liturgia devem nos levar ao encontro com o Senhor e nos permitir dar testemunho d’Ele e da sua Igreja, como indica claramente o Concílio: *“Portanto, construindo dia a dia aqueles que estão dentro para serem templo santo no Senhor e morada de Deus no Espírito, até atingirem a medida da plenitude da era de Cristo, a Liturgia também fortalece admiravelmente suas forças para pregar Cristo e assim apresentar*

a Igreja, aos que estão de fora, como sinal levantado entre as nações, para que sob ele os filhos de Deus que estão dispersos sejam reunidos na unidade, até que haja um só rebanho e um só pastor” (SC n° 2). Por isso, todos os agentes pastorais, pastores e fiéis, devem zelar para que, em cada sacramento ou momento sacramental, de adoração eucarística ou ato de piedade popular, seja celebrada a Liturgia de Jesus Cristo, que é a Liturgia da Igreja, para que a celebremos com toda a dignidade, decoro, respeito e cuidado, segundo a sua riqueza espiritual.

46. Percebemos com a pandemia as dificuldades da vida do cristão sem a celebração comunitária da liturgia, em cada uma das suas diversas expressões, mas, sobretudo, na Eucaristia. Os templos fechados nos ajudaram a valorizar o sacramento por excelência, a Eucaristia, reafirmando o que nos disse São João Paulo II: *“A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não só exprime uma experiência quotidiana de fé, mas também contém em síntese o núcleo do mistério da Igreja. Experimenta com alegria como a promessa do Senhor se realiza continuamente, em múltiplas formas: “Eis que estarei convosco sempre até ao fim do mundo” (Mt 28, 20); na sagrada Eucaristia, através da transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, ele exulta nesta presença com uma intensidade única. Desde que, no Pentecostes, a Igreja, Povo da Nova Aliança, iniciou a sua peregrinação rumo à pátria celeste, este divino Sacramento marcou os seus dias, enchendo-os de esperança confiante”* (São João Paulo II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* n. 1, 17 de abril de 2003).

47. Toda a inestimável riqueza espiritual da liturgia eclesial, e especialmente do sacramento da Eucaristia, devemos aproveitar ao máximo, através de uma verdadeira “arte celebrativa”, evitando a grande tentação da sociedade atual do exibicionismo egocêntrico, do sentimentalismo que reduz as celebrações à mera e simplista aceitação dos sentidos. Uma celebração verdadeira e eclesial da liturgia que não tira o protagonismo de nenhum agente pastoral, seja ministro ordenado ou leigo, mas que, pelo contrário, se expressa: *“No trabalho sinodal, a necessidade de superar qualquer possível separação entre a ars celebrandi, isto é, a arte de celebrar bem, e a participação plena, ativa e fecunda de todos os fiéis. Com efeito, a primeira forma pela qual se favorece a participação do Povo de Deus no sagrado Rito é a celebração adequada do próprio Rito. A ars celebrandi é a melhor premissa para a participação ativa. A ars celebrandi provém da obediência fiel às normas litúrgicas na sua plenitude, pois é precisamente esta forma de celebrar que assegura há dois mil anos a vida de fé de todos os fiéis, chamados a viver a celebração como Povo. Deus, sacerdócio real, nação santa”* (cf. *1Pd 2,4-5,9*) (Papa Bento XVI, Exortação *Sacramentum Caritatis*, n. 38, 22 de fevereiro de 2007).

5º desafio - Avaliar e adaptar o processo de catequese permanente à realidade diocesana.

48. A catequese é um meio de evangelização importante que temos na Igreja e com a Igreja, através dela se reforça a transmissão da fé nas crianças, jovens e adultos, processo que começou em suas casas, em virtude do compromisso que os pais assumiram no momento que contraíram o Matrimônio e no momento do Batismo de seus filhos, quando se dispuseram a educá-los na fé, conforme definido por São João Paulo II: *“Globalmente, a catequese pode ser considerada aqui como a educação à fé de crianças, jovens e adultos, que inclui especialmente um ensino da doutrina cristã, geralmente ministrado de forma orgânica e sistemática, com o objetivo de iniciá-los na plenitude da vida cristã. Neste sentido, a catequese articula-se num certo número de elementos da missão pastoral da Igreja, sem se confundir com eles, que têm um aspecto catequético, preparam a catequese ou dela emanam: primeiro anúncio do evangelho ou pregação missionária através do querigma para suscitar a fé apologética ou a busca de razões para crer, a experiência de vida cristã, a celebração dos sacramentos, a integração na comunidade eclesial, o testemunho apostólico e missionário”* (São João Paulo II, *Catechesi Tradendae*, n.18, 16 de outubro de 1979).

49. Agradeço hoje, mais do que nunca, e de coração exultante, aos muitos fiéis (quase 590 pessoas), que em todo o território diocesano, se dedicam com amor, carisma e generosidade ao serviço da catequese em todos os seus âmbitos, aproveitando os contributos preparados pela Comissão Nacional e Diocesana de Catequese. Por esta razão, valorizo muito os esforços de cada catequista para continuar também a missão através de meios tecnológicos. Precisamente para fortalecer todos estes esforços nacionais e diocesanos,

desejamos que se faça uma profunda e verdadeira revisão do processo catequético nas comunidades e paróquias, pois não é segredo para ninguém, confirmado pessoalmente nas visitas pastorais, que os frutos do processo em questão, nas suas diferentes áreas não foram os que almejávamos. Quantas pessoas experimentaram a catequese batismal e crismal e posteriormente não se integraram na vida eclesial; casais que completaram a catequese conjugal e se casaram sacramentalmente, mas depois não viveram como Igreja doméstica e em compromisso com a Igreja; pais e mães que ignoram o processo de catequese dos seus filhos, não apoiando e acompanhando-os como deveria, de acordo com o compromisso que assumiram.

50. Como Pastor diocesano, aponto a seguir como possíveis causas de tais situações e aspectos que devemos avaliar e redirecionar:

- a) - Pressupõe-se a fé das pessoas que vêm solicitar a participação no processo de catequese.
- b) - Comete-se o grave erro de ver o processo de catequese apenas como uma exigência para poder receber os sacramentos e não como um processo permanente de educação na fé de cada batizado.
- c) - Não analisamos a fundo se os contributos da Comissão Nacional de Catequese se adaptam à nossa realidade diocesana e se estão sendo aplicados como são apresentados.
- d) - A vocação de catequista tem diminuído em muitas comunidades paroquiais e, em muitas ocasiões, algumas pessoas prestam o serviço por interesses pessoais ou familiares, e não como compromisso batismal permanente.
- e) - Não conseguimos integrar e envolver pais e mães no processo de catequese permanente.

51. Por estas razões, exorto as equipes de catequese paroquiais, regionais e diocesana a empreenderem este esforço de avaliação, renovação e novo impulso do processo permanente de catequese na Diocese, no qual devemos utilizar para este fim, todos os meios existentes, entre os quais o desafio de fazer da catequese, nos seus diferentes níveis, um canal privilegiado para a transmissão da Palavra e o incentivo através dela, para que todos os catequizados vivam a sua vida em diálogo com o Senhor, enxertados vitalmente no seio da comunidade eclesial, e alimentando nela o compromisso de uma vida cristã autêntica. Portanto, é essencial que a preparação para os sacramentos transcenda os limites da preparação imediata, a fim de estabelecer verdadeiros processos sistemáticos de crescimento na fé.

6º desafio - Dinamizar os processos de evangelização paroquial com experiências missionárias permanentes.

52. Desde o Concílio Vaticano II até nossos dias, se insiste na renovação e revitalização dos métodos e processos de evangelização, para que o Evangelho de Jesus Cristo chegue à todas as pessoas. Renovar e energizar são então, dois verbos que, na realidade diocesana são urgentes, tendo em vista a força de outras ofertas ideológicas na vida do povo. Neste sentido, a Igreja Particular de Valença, ao longo de seus 99 anos de caminhada, não se isentou e busca sempre estar em atitude de reflexão, avaliação e procura de novas respostas pastorais às realidades que enfrenta, haja vista as assembleias diocesanas e paroquiais, que pouco a pouco se tornam práticas e necessárias à vida e a missão das comunidades e paróquias. As assembleias, em suas diversas realidades, são iniciativas a serem mais fortalecidas num projeto diocesano, no qual devemos perseverar.

53. A finalidade e a atividade dos Conselhos Paroquiais de Pastoral são fundamentais neste processo de conversão pessoal e pastoral ao qual se propõe em nossa Diocese de Valença, pois o conselho paroquial busca conhecer e analisar, a partir da fé, a realidade que o envolve, e discerne à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja, as ações pastorais de cada paróquia, com as quais busca iluminar e responder as realidades que o desafia. É fato que em muitas comunidades e paróquias houve avanços nesta necessária e urgente renovação e revitalização, à luz da reflexão feita na Assembleia diocesana. E como resultado, se propôs aos grupos de missionários paroquiais que visitem os diferentes setores das comunidades, de casa em casa, e outras experiências em que os membros das diferentes expressões eclesiais de pequenas comunidades, grupos e movimentos apostólicos, em atitude de comunhão, possam realizar mês a mês.

Como bispo diocesano, estou grato por estes passos lentos, porém firmes e corajosos. Peço que se avalie tal propósito, principalmente na sinodalidade junto aos nossos conselhos e avancemos juntos neste processo de conversão pastoral missionária e evangelizadora.

7º desafio - Alcançar uma cultura em defesa da vida e da dignidade humana.

54. É evidente e doloroso que a cultura de morte tenha atingido, de forma rápida e agressiva a sociedade nos últimos anos. Infelizmente, quando se adota modelos e iniciativas ideológicas nesta direção e contexto no qual o dom da vida e o respeito por sua dignidade não são respeitados e protegidos. Infelizmente, até já se tem aprovada uma legislação que, de forma sorrateira e baseada em eufemismos, promove a prática criminosa do aborto voluntário. Na mesma linha, segue a promoção de descarte de idosos e enfermos, “não úteis” segundo o critério social de consumo exacerbado em que nos encontramos. Esta irrupção violenta e contrária a vida nos foi anunciada muito antes por São João Paulo II: *“Hoje este anúncio é particularmente urgente dada a impressionante multiplicação e agravamento das ameaças à vida das pessoas e dos povos, especialmente quando são fracos e indefesos. As tradicionais e dolorosas pragas da fome, das doenças endêmicas, da violência e das guerras, acrescentam-se outras, com novas facetas e dimensões perturbadoras”* (São João Paulo II, Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, n. 3, 25 de março de 1995).

55. Por tais razões, devemos redobrar os nossos esforços como agentes pastorais para anunciar, com força e alegria, a beleza da doutrina eclesial sobre a dignidade humana e o respeito pela vida, em cada uma das fases da sua existência, desde o momento da fecundação até a morte natural, como lemos em Aparecida: *“A criação do homem e da mulher, à sua imagem e semelhança, é um acontecimento divino da vida, e tem como fonte o amor fiel do Senhor. Portanto, somente o Senhor é o autor e dono da vida, e o ser humano, sua imagem viva, é sempre sagrado, desde a sua concepção, em todas as fases da existência, até a sua morte natural e após a morte”* (DAP nº 388).

56. Não podemos ficar apenas com este sentimento de dor, mas devemos nos sentir interpelados e desafiados. Devemos ser ousados e criativos para que, na vida pastoral de cada uma das nossas comunidades paroquiais, assumamos esta água fresca do encontro com Jesus Cristo para cada um dos ambientes onde esteja presente um filho ou filha muito amado de Deus, seja na família, na infância, nas juventudes, na vida adulta, no idoso, no trabalho, na diversão, no esporte, na cultura e na arte, na tecnologia e na nossa casa comum.

57. Faz-se urgente uma formação sólida para que os agentes pastorais tenham absoluta clareza sobre a séria e importante questão da dignidade humana e sobre o valor sagrado da vida desde a fecundação até à morte natural. Esta convicção e segurança nos traz luz na consciência para não sucumbirmos à astúcia do mal, que procura através de eufemismos e da gestão dos sentimentos, nos fazer acreditar que o mal é bom, e que devemos “modernizar e acomodar” o Evangelho de Jesus Cristo aos caprichos das ideologias passageiras e malévolas. Precisamos de clareza em nossas ideias, firmeza na fé e coragem para um testemunho corajoso e destemido que devemos apresentar, sobretudo, nestes tempos tão difíceis que vivemos.

8º desafio - Criar canais eclesiais para assumir em Jesus, o Bom Samaritano, a prática da solidariedade e da fraternidade com os menos favorecidos do nosso tempo.

58. Nesta bela terra, onde peregrinamos como Diocese de Valença, convergem os extremos sociais da abundância material e da pobreza extrema. Em nossa região existem muitas fontes de rendimento econômico: a pecuária leiteira, a agricultura tradicional, as monoculturas, o turismo cultural, religioso e rural, as plantas ornamentais entre outras, a riqueza aqui gerada se concentra em poucas mãos, fator que leva à pobreza extrema se fazer presente em grande parte do nosso território. Muitas pessoas se tornam mão de obra barata, sem as garantias sociais e básicas previstas na legislação do nosso país. Nas visitas pastorais que fiz as comunidades paroquiais da diocese, pude confirmar os rostos dramáticos da pobreza extrema, refletidos nas crianças, nos jovens, nas mulheres e nos idosos, que, apesar dos seus esforços não conseguem obter sequer o sustento necessário à uma vida digna. As consequências da pandemia ainda são preocupantes em nossa diocese, uma vez que nas comunidades, muitas fontes de trabalho e renda para o nosso povo mais simples, advém dos comércios locais e do turismo que, prejudicados, aumentaram a incerteza e a angústia da população.

59. Esta situação grave me leva a concluir que a ação caritativa deve responder a três critérios: resolver as causas estruturais da pobreza a partir de uma correta participação dos crentes na vida política; viabilizar

a cooperação de todos na promoção integral dos pobres; a prioridade na comunhão de sinais tangíveis de solidariedade. Para que este processo libertador seja possível, é necessário que todos nós, estejamos preparados para conhecer e assumir com responsabilidade o compromisso social da fé.

60. Em tempos de crise social e econômica, a presença de sinais tangíveis de solidariedade se tornam ainda mais urgentes. A promoção e a execução real das pastorais sociais podem dispor ajuda às famílias em situação de extrema pobreza. Outros canais eclesiais de solidariedade devemos apoiar e se utilizar melhor, como no caso da Coleta da Solidariedade, promovida pelas Campanhas da Fraternidade. Através dela podemos resolver algumas das muitas necessidades emergenciais e prementes das famílias em situação de pobreza, ao nível de uma melhoria da infraestrutura, da moradia e até cestas básicas para elevar a qualidade de vida dos enfermos e idosos. Temos, com isso em nossa realidade, a Casa da Misericórdia em Paraíba do Sul, asilos em diversas cidades, a Casa Bom Pastor em Levy Gasparian, que acolhe e atende dependentes químicos, a Casa de Acolhida da População de rua, que atende e proporciona espaço para uma higiene adequada, alimentação e vestuário, os espaços sociais Madre Palmira Carlucci em Três Rios e as muitas ações sociais paroquiais e comunitárias que atuam na valorização da vida e da dignidade da pessoa, em suas diversas necessidades. Enfim, são apenas alguns exemplos, mas esperamos que em breve possamos com consciência de fé, integrar outros serviços de auxílio e ajuda a todos.
61. Devemos, pois, fazer a nossa parte, mas, nestes últimos tempos, assistimos ao ter e o poder sendo privilegiados em detrimento do ser e da dignidade das pessoas. Tal situação nos alerta ao que não devemos ignorar e torna-se ainda, uma oportunidade de trabalho decisivo numa participação justa dos fiéis na vida política pública que é uma área fundamentalmente laical. É doloroso perceber que muitos, supostamente crentes, que ocupam os serviços públicos por eleição popular, são por vezes, limitados nesta consciência e não iluminam com a força do Evangelho os serviços e ambientes para os quais foram escolhidos; muitas vezes são vistos relativizando a sua fé em detrimento a propostas totalmente contrárias ao Evangelho e distantes da doutrina da Igreja.
62. Como Igreja diocesana, devemos promover intensamente a formação dos leigos na Doutrina Social da Igreja, a começar por um processo permanente de catequese dentro de grupos, movimentos apostólicos e experiências em pequenas comunidades, para assumir com responsabilidade o compromisso social que a fé e a promoção integral dos mais pobres têm em nossa vida de forma incontornável. É urgente uma formação sólida e profunda da consciência social de cada batizado para poder purificar sua visão ante os preconceitos e as modas religiosas, e assim, assumir como critério a verdade e a fidelidade ao Evangelho, a profecia como atitude permanente de denúncia a tudo o que é contrário aos propósitos de Deus em nos tornar pessoas plenas, mesmo através da mudança das estruturas dos pecados sociais, e assumir as consequências do dizer sim ao Reino de Deus e à sua justiça.
63. Desta forma romperemos, de uma vez por todas, com a globalização da indiferença que nos corrói como sociedade e também como Igreja, como destacou com força o Papa Francisco: *“Quando afeta o a nível institucional, a indiferença para com os outros, a sua dignidade, os seus direitos fundamentais e a sua liberdade, juntamente com uma cultura orientada para o lucro e o hedonismo, favorecem, e por vezes justificam, ações e políticas que acabam por constituir ameaças à paz. Esta atitude de indiferença pode também justificar algumas políticas económicas deploráveis, premonitórias de injustiças, divisões e violências, com vista a alcançar o próprio bem-estar ou o da nação. Na verdade, não é incomum que os projetos económicos e políticos dos homens visem a conquista ou manutenção do poder e da riqueza, mesmo ao custo de espezinhar os direitos e exigências fundamentais de outros. Quando as populações são privadas dos seus direitos básicos, como alimentação, água, cuidados de saúde ou trabalho, são tentadas a tomá-los à força”* (Papa Francisco, Mensagem XLIX Dia Mundial da Paz n. 4, 1 de janeiro de 2016).
64. Devemos seguir o rumo da globalização da solidariedade entendida como *“uma reação espontânea daqueles que reconhecem a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los para que melhor sirvam o bem comum, por isso a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver aos pobres o que lhes pertence”* (EG 189). Portanto, para alcançá-la é necessária a conversão do coração

do crente, para voltar ao caminho da verdadeira ação caritativa e social de cada cristão. Não há dúvida de que a globalização da solidariedade e da misericórdia seja um caminho transformador e libertador para a vida pessoal e para o tecido social em que operamos. Nesta história, encontramos uma sucessão de verbos incontornáveis como forma de estabelecer o diálogo que nos leva a *reinstalar a esperança*, no meio das nossas comunidades. De forma prática, devemos *estender a mão, ver e simpatizar*, para assumir um valioso e transcendental ensinamento de Jesus em nossos dias, valor que coincide com o convite do Papa Francisco a sermos uma “Igreja em saída”

65. Clamo a Deus, nosso Pai Misericordioso, para que esta difícil experiência nos ajude a voltar ao caminho como discípulos autênticos e comprometidos de Jesus Cristo, diante de seu rosto dramático e sofredor que constantemente se apresenta nos mais vulneráveis e socialmente descartados, para que no final da nossa vida possamos experimentar o que este belo texto do Papa Francisco nos transmite: *“Todos estes pobres – como dizia o Beato Paulo VI – pertencem à Igreja por “direito evangélico” (Paulo VI, Discurso na abertura da segunda sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, 29 de setembro de 1963) e forçar a opção fundamental para eles. Bem-aventuradas as mãos que se abrem para acolher os pobres e ajudá-los: são mãos que trazem esperança. Bem-aventuradas as mãos que ultrapassam as barreiras da cultura, da religião e da nacionalidade, derramando o óleo da consolação sobre as feridas da humanidade. Bem-aventuradas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem “mas” nem “condições”: são mãos que fazem descer a bênção de Deus sobre os seus irmãos”* (Papa Francisco, Mensagem I Dia Mundial dos Pobres, n. 5, 19 de novembro de 2017).

9º desafio - Promover o cuidado da casa comum promovendo a ecologia integral.

66. Deus abençoou abundantemente o território da diocese, com uma biodiversidade primorosa que cativa todos os que a avistam. Por ela viajamos para desfrutar das belas paisagens naturais nas imponentes montanhas, nos rios, nas planícies e nas belas fazendas com os seus riquíssimos detalhes históricos. No entanto, é doloroso confirmar que não agimos com responsabilidade devida no cuidado da casa comum. Ainda hoje, se continua a atacar o meio ambiente, na busca apenas de um benefício econômico individualista e que deixa de lado o bem comum que diz respeito a todos.

67. A pandemia recente nos obrigou a ficar mais tempo dentro de casa, e se percebeu com isso, em todo o mundo, como a própria natureza se comportou de forma diferente diante da diminuição da poluição causada pelo ser humano em uma guerra produtiva e competitiva. Tal fato nos dá a certeza de que a nossa casa comum geme de dor pelos nossos graves erros de administradores da criação, mesmo que diante de uma firme defesa da exploração do ambiente, apesar de contínuos apelos feitos por cientistas, líderes sociais e religiosos de todo o mundo; apesar destes clamores, não se consegue o reconhecimento dos impactos sofridos pela criação que se debate com um gradual esgotamento dos seus principais e necessários recursos. A arrogância suicida dos que negam o aquecimento global, sob o pretexto de ser uma posição ideológica extremista, continua a fazer cálculos econômicos sobre os lucros que se obtêm das riquezas da criação. É preocupante a justificação que utilitaristas dão de que estão respondendo à fome no mundo, numa afirmação que contrasta com o número de pessoas que morrem hoje por falta de alimentos, não porque não haja, mas porque a injustiça na distribuição dos bens da criação já é uma armadura que se tornou impenetrável a consciência dos comerciantes da casa comum.

68. Nós somos batizados, “peregrinos da esperança” em ação na Diocese de Valença, somos chamados a não cruzar os braços diante desta gravíssima situação, a começar pelas nossas famílias, nas quais deve ser incutida, como parte de uma abordagem abrangente na educação da fé, no cuidado com a natureza, ensinando a não poluir com lixo, mas a reciclá-lo; não desperdiçar o dom indispensável da água, reflorestar, etc. Devemos criar espaços de reflexão, tanto a nível diocesano como paroquial, sobre o tema da *Ecologia Integral*, aproveitando a experiência dos profissionais dessa área, que podem nos iluminar e, claro, fortalecer com os seus ensinamentos, o ensinamento eclesial sobre o cuidado da casa comum, a partir da *Carta Encíclica Laudato’ Si do Papa Francisco*, de tal forma que os agentes pastorais tomem consciência de que como crentes procuramos a santidade, por isso hoje devemos reconhecer que *“a paz interior das pessoas tem muito a ver com o cuidado da ecologia e do bem comum, porque, vivida autenticamente, reflete-se*

num estilo de vida equilibrado unido a uma capacidade de admiração que leva à profundidade da vida. A natureza está repleta de palavras de amor, mas como ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa ou do culto à aparência?” (Laudato Si' 225). Um sinal inequívoco da nossa recuperação como pessoas integrais é que passamos a estabelecer uma relação de verdadeiro cuidado com a criação, na qual o ser humano seja o ápice e repositório das amostras mais intensas do amor de Deus.

10º desafio - Promover a centralidade da Palavra de Deus na vida pessoal e nas ações pastorais.

69. Esta é uma questão e experiência fundamental na vida da Igreja e para a fé de cada um de nós que a integramos, pois se trata da *“importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou proclamação da Palavra”* (DAp 248). Estas palavras devem nos levar à uma profunda revisão da nossa proximidade pessoal com a Sagrada Escritura e do nosso caminho pastoral como Igreja particular, que deve ter como aspecto central a animação bíblica, pois dependendo da centralidade que a Palavra tem, é assim que o será a mensagem que conseguimos levar como agentes pastorais em todos os cantos da Diocese.

70. Aprecio profundamente os muitos grupos e movimentos apostólicos, experiências em pequenas comunidades e outros carismas, presentes na Igreja diocesana, pelo esforço que fazem em aproximar a Palavra de Deus da vida de tantos fiéis, com o intuito de fortalecerem o seu caminho de fé, dentro da espiritualidade de cada uma das realidades eclesiais. Ao mesmo tempo, renovo o apelo aos conselhos paroquiais e comunitários, para que não meçam esforços na promoção de iniciativas que aproximem os fiéis do conhecimento e uso correto da Sagrada Escritura, através de cursos bíblicos, utilizando as publicações que a Comissão Nacional de Catequese nos oferece, bem como os nossos Círculos bíblicos. A leitura orante da Palavra de Deus ou *Lectio Divina* também deve ser incentivada no processo permanente de catequese, para que, mesmo jovens e pequenos, possamos experimentar esta grande fonte de vida espiritual. Da mesma forma, que se valha mais da leitura orante em nossos diversos encontros, seja com pais e mães de famílias ou até catequistas. Portanto, trata-se aqui de aproveitar todas as oportunidades que tivermos para viver em intimidade com a Sagrada Escritura e ouvir a voz de Deus.

71. Encorajo os padres a priorizarem a formação bíblica nos encontros formativos que promovem responsabilmente com os seus agentes pastorais nas paróquias. Sem dúvida, isso nos leva a favorecer a centralidade da Palavra de Deus em toda ação pastoral, e com ela a prioridade da oração e o lugar da graça como iniciativa de Deus em nosso favor. Naturalmente, os exorto a terem mais (ou recuperar), o contato frequente e orante com a Palavra de Deus a nível pessoal, para cultivar o seu diálogo íntimo com Deus e beber de Sua fonte inesgotável e fortalecer a espiritualidade sacerdotal e se encorajar na caridade pastoral.

11º desafio - Acompanhar a vida familiar através de iniciativas pastorais presentes na diocese.

72. Se há uma instituição social que sofreu de forma mais agressiva a erosão da tendência do temporário, do não compromisso e do fenômeno da sociedade líquida para a qual nada é permanente, é a família. Em tempos não muito distantes, nas nossas escolas e colégios, aprendíamos que a família é a *“célula fundamental da sociedade”*. Atualmente, é praticamente atacada até à morte, e desse ataque é que surgem as terríveis consequências que vivemos. A sociedade está doente e decadente. Essa triste realidade é muito bem resumida pelo Papa Francisco: *“Por outro lado, devemos considerar o perigo crescente que representa um individualismo exasperado que distorce os laços familiares e acaba por considerar cada componente da família como uma ilha, fazendo com que prevaleça ... , em certos casos, a idéia de um sujeito que se constrói de acordo com seus próprios desejos assumidos com caráter absoluto... As tensões induzidas por uma exagerada cultura individualista de posse e gozo geram dinâmicas de intolerância e agressividade nas famílias... Gostaria de acrescentar o atual ritmo de vida, o estresse, a organização social e de trabalho, porque são fatores culturais que colocam em risco a possibilidade de opções permanentes”* (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, n. 33, 19 de março de 2016). Estas são as consequências do individualismo e do materialismo que muitas vezes nos isolam e nos fazem ignorar até os aspectos internos da nossa própria dinâmica familiar.

73. No entanto, essa triste realidade social, em que nos cabe viver a nossa fé, não deve nos levar ao desânimo ou ao desespero. Pelo contrário, deve se tornar um desafio para cada um de nós, batizados, a fim de procurarmos criativamente as iniciativas para apresentar à sociedade de hoje a beleza da família, numa comunidade de vida e de amor, como descreve São João Paulo II: *“E como, segundo o desígnio divino, se constitui como uma “comunidade íntima de vida e de amor”, a família tem a missão de se tornar cada vez mais o que é, ou seja, uma comunidade de vida e de amor, numa tensão que, como toda realidade criada e redimida, encontrará a sua realização no Reino de Deus. Numa perspectiva que vai também até às próprias raízes da realidade, é preciso dizer que a essência e a missão da família são, em última análise, definidas pelo amor. Por isso, a família recebe a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, como reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo Senhor pela Igreja, sua esposa”* (São João Paulo II, Exortação *Familiaris Consortio*, n.17, 22 de novembro de 1981). O principal meio para anunciar esta beleza da família é, sem dúvida, o testemunho de vida daquelas famílias que vivem com profunda alegria - sem se considerarem perfeitas - a graça da vocação à qual Deus as chamou. Assim, como Igreja particular, devemos acompanhá-las no seu caminho e a partir da sua própria realidade, para sejam aquele testemunho vivo que grita à sociedade de hoje, como Deus quer.

74. Faço um apelo veemente para que a Comissão diocesana de Pastoral Familiar, incrementalmente o projeto de acompanhamento das famílias, e o seja empreendido com urgência pelos grupos e movimentos familiares presentes em toda a diocese, sobretudo através da promoção de uma verdadeira Pastoral Familiar, em cada uma das paróquias, que consiga traduzir o que nos diz o Papa Francisco: *“A pastoral familiar “deve fazer com que as pessoas experimentem que o Evangelho da família responde às expectativas mais profundas da pessoa” e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar um regulamento, mas de propor valores, respondendo à necessidade que se observa hoje, mesmo nos países mais secularizados, de tais valores”* (Papa Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, n. 201, 19 de março de 2016).

75. A Pastoral Familiar não deve se limitar a realização da catequese conjugal para casais em discernimento da vocação ao matrimônio. Devemos e podemos ir além, e assim, implantar algumas iniciativas como chave para a pastoral global, com cuidados e verdadeiro acompanhamento às famílias:

- a) - Uma pastoral de noivos, juntamente com a pastoral juvenil e a pastoral vocacional, que os acompanha e tenha a finalidade de realizar um projeto de engajamento cristão.
- b) - Um acompanhamento dos casais de vida sacramental por seguimentos de anos de casamento, desde os primeiros anos, até aqueles mais idosos, que muitas vezes supomos já não precisar de acompanhamentos.
- c) - Um acompanhamento para casais que vivem em situações, ditas irregulares, e que não são poucos no nosso território diocesano. Em muito não os acompanhamos, e quando o fazemos, agimos mais com o pieguismo e deixamos de lado a doutrina, apenas reivindicando o direito de comungarem.
- d) – Aproximar mais das realidades das famílias chefiadas por uma única pessoa, mães ou pais solteiros, aqueles que sofreram rupturas como o divórcio ou a viuvez, os avôs e avós que cuidam diretamente dos seus...

76. Na medida em que priorizamos pastoralmente este acompanhamento da vida familiar, avançaremos para dar mais destaque à transmissão da fé e o lugar preferencial que deve ocupar em nossa ação, pois a família é a primeira escola de fé, por isso o núcleo familiar é indispensável na experiência originária e posterior da fé na vida do crente.

12º desafio - Oferecer uma Pastoral Juvenil que ouça e acompanhe os jovens na construção do seu projeto de vida, a partir de uma cultura vocacional.

77. Se existe uma fase bela e radiante da vida, por vários motivos, é a juventude. Infelizmente, hoje, é excessivamente bombardeada por esta sociedade líquida, individualista, consumista e hedonista, que vive muito de aparências, e que faz com que a juventude seja vista como um setor da sociedade, desinteressada e sem compromissos. Nada poderia estar mais longe da verdade do que uma visão deste tipo. Pelo contrário, o problema não está nos jovens, mas em nós, adultos na fé, que não assumimos o compromisso de acompanhá-los nesta etapa crucial das suas vidas, como disse com firmeza o Papa Francisco na JMJ no Panamá: *“E mesmo a vocês, queridos jovens, a mesma coisa pode acontecer com vocês cada vez que vocês pensam que a sua missão, a sua vocação, que até a sua vida é uma promessa, mas apenas para o futuro e não tem nada a ver com o presente. Como se, ser jovem fosse sinônimo de sala de espera para quem espera a sua vez. E no “entretanto” dessa hora, inventamos ou eles inventam um futuro higienicamente bem embalado e sem consequências, bem armado e garantido e com tudo “bem protegido”. Não queremos oferecer-lhe um futuro laboratorial. É a “ficção” da alegria, não a alegria de hoje, da concretude, do amor. E assim com esta ficção de alegria nós os “acalmamos”, para que durmam para que não façam barulho, para que não nos incomodem muito, para que não se perguntem, para que não nos incomodem. Questionar a si mesmos ou a nós; e neste “entretanto” os seus sonhos perdem o vôo, tornam-se rastejantes, começam a adormecer e são pequenos e tristes “devaneios”* (cf. Homilia no Domingo de Ramos, 25 de março de 2018), *só porque consideramos que eles ainda não O fizeram agora; que são demasiado jovens para se envolverem em sonhar e trabalhar para o amanhã. E assim continuamos procrastinando... E sabe de uma coisa? Muitos jovens gostam disso. Por favor, vamos ajudá-los a não gostar, a rebelar-se, a querer viver no agora de Deus”!* (Papa Francisco, Homilia da Santa Missa para a Jornada Mundial da Juventude, Campo San Juan Pablo II, Metro Park, domingo, 27 de janeiro de 2019)
78. A pastoral juvenil tem a grande missão de acompanhar os jovens na construção do seu projeto de vida. Isso não significa definir por eles, mas aprender a ouvi-los para que nos descubram e envolvam com as suas necessidades atuais, e percebam que estão longe do que os adultos de hoje tinham quando eram jovens. Portanto, é hora de *“propor aos jovens um caminho que dê sentido à sua vida para além da moda ou dos prazeres do momento. A ideia é que tenham um autêntico sentido de responsabilidade, que vivam com uma consciência transcendente da eternidade e não apenas de acordo com o que este mundo oferece. Aí reside o desafio dos jovens: ser diferentes daquilo que a atual onda nas redes sociais lhes mostra: o sucesso fácil, o número de curtidas ou reações virais”*. Trata-se aqui de acompanhar os jovens pastoralmente, a fim de que alcancem uma autêntica identidade cristã e uma verdadeira realização.
79. Como Bispo diocesano, aprecio profundamente o compromisso que, em muitas paróquias, os responsáveis da pastoral juvenil realizam, como um espaço de encontro para os jovens que desejam partilhar a sua vida de fé. Convido as paróquias e comunidades a apoiá-los nas iniciativas que realizam e os permitam viver, como Igreja que são, as suas experiências de grupo juvenil, com o “norte da pastoral juvenil”, oferecido pela Comissão diocesana: *“Uma pastoral juvenil que, em atitude permanente de saída, oferece aos jovens momentos de encontro fraterno, nos quais experimentam a misericórdia do Pai, o amor do Filho, a força do Espírito Santo e a proximidade da Igreja, que como mãe e professor, acompanha-os na construção do seu projeto de vida, para ajudá-los a fortalecer a sua vocação batismal à santidade, para que possam permanecer firmes como seguidores de Jesus Cristo, e dar a sua contribuição para transformar o ambiente com os valores do evangelho”*
80. Para traduzir este objetivo em ações concretas, é vital que, juntamente com os jovens que já fazem parte da pastoral juvenil nos vários grupos e movimentos eclesiais presentes na diocese, sejamos capazes de aprofundar a mensagem da Exortação Apostólica *Christus vivit* que, como resultado do Sínodo dos Bispos sobre os jovens, o Papa Francisco nos deu em março de 2019. A juventude é um tempo abençoado e o jovem é uma bênção para a Igreja e para o mundo. É uma alegria, um canto de esperança e de bem-aventurança. Estas palavras da última exortação apostólica motivam todos nós, fiéis e pastores da nossa Igreja diocesana, a consagrar-nos verdadeiramente ao acompanhamento e à construção do projeto de vida de cada um dos nossos jovens. Com efeito, são necessários conhecimento, tempo, dedicação e consagração para acompanhar os jovens na realização do objetivo fundamental do seu projeto de vida.

CONCLUSÃO

81. A realidade social que vivemos tende a nos levar à passividade e a nos esconder nas supostas e frágeis seguranças que nossas zonas de conforto eclesial nos oferecem. Amamos a frase não evangélica “sempre foi feito assim”, fato que nos torna estereis como discípulos de Jesus Cristo e pessoas sem esperança, vítimas das ofertas desumanas de uma falsa felicidade que hoje acolhemos.

82. À luz deste Ano Jubilar por ocasião do Centenário de criação da Diocese e das reflexões desta Carta Pastoral, somos convidados a avaliar o nosso caminho preparatório como batizados, reforçar o que estamos fazendo bem e repensar o que não corresponde as necessidades atuais da evangelização. É necessário que se olhe o passado para avaliar o presente e projetar o futuro que nos espera. Neste sentido, é urgente o “começar”, que nas palavras do Papa Francisco, consiste em: *“A Igreja em saída é a comunidade dos discípulos missionários que são os primeiros, que se envolvem, que acompanham, que dão frutos e celebram. A comunidade evangelizadora experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, deu-a primeiro no amor (cf. 1 Jo 4, 10); e, por isso, sabe ir em frente, tomar a iniciativa sem medo, sair ao encontro das pessoas, procurar quem está longe e chegar às encruzilhadas para convidar quem está excluído. Ele vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia, fruto de ter experimentado a misericórdia infinita do Pai e a sua força difusora. Vamos ousar começar um pouco mais!”* (EG 24). Começar é, portanto, avançar, não ficar ou se acomodar, ter sempre novos impulsos, anseios e vontades; deixar-se levar pelo Espírito, em suma, ter paixão pelo Evangelho e pela missão da Igreja. Portanto, ousemos começar!

a)- Com a nossa vocação batismal à santidade.

83. O melhor presente que recebemos de nossos pais foi, sem dúvida, pedir à Igreja o nosso batismo e, com ele, enxertar-nos no Corpo de Cristo para que pudéssemos avançar nesse chamado à santidade, que não é entendida como se todos tivéssemos que nos enquadrar no mesmo. Muito pelo contrário, como explica de forma extraordinária o Papa Francisco: *“Cada um no seu caminho”, diz o Concílio. Portanto, não se trata de desanimar diante da contemplação de modelos de santidade que parecem inatingíveis. Existem testemunhos que servem para nos estimular e motivar, mas não para que tentemos copiá-los, porque isso poderia até nos distanciar do caminho único e diferente que o Senhor tem para nós. O importante é que cada homem/mulher de fé discirna o seu próprio caminho e ponha à luz o melhor de si mesmo, aquilo que Deus colocou nele de tão pessoal (cf. 1 Cor 12, 7), e não que se canse tentando imitar algo que ele não faz. Foi projetado para ele. Todos somos chamados a ser testemunhas, mas “existem muitas formas existenciais de testemunho”.* (Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, n.11, 19 de março de 2018).

84. Começar neste aspecto é tomar consciência desta vocação à santidade e discernir à luz da Palavra e na oração qual será o caminho pelo qual Deus me chama para tornar realidade esta vocação batismal. Quais são os carismas que o Espírito me deu para colocá-los a serviço do bem comum, e assim transformar o ambiente social e eclesial com a beleza dos valores do Evangelho, para poder ser tochas em no meio de tanta escuridão, com atitudes de alegria e ousadia, claro, com o poder do Espírito Santo.

b) - Com a nossa espiritualidade de comunhão.

85. Embora seja verdade que a vocação batismal à santidade seja um chamado pessoal, a sua realização só acontece no interior de uma comunidade eclesial. Precisamente este é o testemunho mais bonito que o Senhor pediu a todos os seus discípulos: *“Não rezo apenas por eles, mas também por aqueles que acreditarão em mim através das suas palavras. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; Que eles também sejam um em nós, para que o mundo acredite que você me enviou”* (Jo 17,20-21). Viver na unidade e na intimidade do Pai e do Filho, experimentar a comunhão que o Espírito suscita na Igreja. Só assim a nossa fé e o nosso testemunho serão credíveis.

86. Ser o primeiro neste aspecto da nossa vida eclesial, implica reconhecer que não posso prescindir da vida comunitária nem da minha presença e ação pessoal no caminho da vida comunitária eclesial. Essa urgência

de ser e viver em comunidade ficou evidente a todos os níveis na vivência que tivemos no tempo da pandemia, pois esta crise se tornou uma espécie de bofetada na face do ser humano, a fim de que despertasse para os valores essenciais da unidade e da solidariedade daqueles de quem ele desviou o olhar e a atenção.

87. Entendo a urgência de começar, de crescer como Igreja particular para tomar consciência da nossa identidade eclesial, na qual não há “uniformidade”, mas sim a “unidade” que é obra do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, o mais belo reflexo do amor trinitário que somos chamados a viver. São João Paulo II explicou esta realidade e mistério ao mesmo tempo, da comunhão eclesial, de forma magistral, quando escreveu no início deste terceiro milênio: *“Os espaços de comunhão devem ser cultivados e ampliados no dia a dia, para todos os níveis, no âmbito da vida de cada Igreja. Nela, a comunhão deve manifestar-se nas relações entre Bispos, presbíteros e diáconos, entre Pastores e todo o Povo de Deus, entre clérigos e religiosos, entre associações e movimentos eclesiais. Sem a valorização da pluralidade, não conseguiremos visualizar a unidade. Para conseguir isso, os órgãos de participação previstos no Direito Canônico, como os Conselhos: Presbiteral, administrativo, pastoral: Diocesano, paroquial e comunitário devem ser cada vez mais valorizados em todas as instâncias eclesiais. Estes conselhos, como se sabe, não se inspiram nos critérios da democracia parlamentar, pois atuam de forma consultiva e não deliberativa, porém, não perdem o seu sentido e importância. Com efeito, a teologia e a espiritualidade da comunhão aconselham a escuta recíproca e eficaz entre Pastores e fiéis, por um lado, mantendo-os unidos a priori em tudo o que é essencial e, por outro, encorajando-os a convergir normalmente mesmo no que é discutível para opções consideradas e partilhadas”* (NMI 45). É um desafio e uma espiritualidade para todos nós, membros da Igreja, como o próprio São João Paulo descreveu muito especificamente no número 43 deste mesmo documento.

c) - Com a nossa conversão pastoral.

88. A conversão permanente, tão necessária na nossa vida pessoal de discípulos de Jesus Cristo, implica e exige a renovação do nosso encontro pessoal com Ele. Mas a conversão pessoal deve se refletir também de forma concreta na ação pastoral de nossa Igreja diocesana. Tal urgência e necessidade é a mesma que nos foi repetidamente apresentada desde o Concílio Vaticano II e desde o Magistério dos nossos últimos Sumos Pontífices.

89. Como Diocese, nesta proposta contínua de conversão pastoral, devemos a olhar sempre para os encaminhamentos da *IX^a Assembleia Diocesana* que confirmou, após alguns meses de reflexão sobre o caminho pastoral da Igreja particular de Valença, o Plano Diocesano de Pastoral, 2022-2025. Este, nos convida a olhar com coragem os desafios levantados pelo ambiente urbano, priorizando a dimensão missionária, efetuando uma Igreja em saída que vive a comunhão como graça e como projeto no qual deve provocar a cultura do encontro, a revolução da ternura e do contato com a experiência da misericórdia da qual ela mesma é destinatária, que rompe com os esquemas de passividade, conformidade, conforto e auto referência.

90. Uma verdadeira conversão pastoral não é dar uma simples composição a certas estruturas diocesanas ou paroquiais que, de outra forma, poderíamos considerar obsoletas, mas é, sobretudo, rever o seu espírito evangelizador e até que ponto ainda respondem à realidade em que se encontram. Atuamos hoje como discípulos de Jesus Cristo, portanto, como diz o Papa Francisco: *“Existem estruturas eclesiais que podem condicionar um dinamismo evangelizador; Da mesma forma, as boas estruturas servem quando há uma vida que as encoraja, as sustenta e as julga. Sem vida nova e sem espírito evangélico autêntico, sem “fidelidade da Igreja à sua própria vocação”, qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo”* (EG 26).

91. Além disso, o primeiro passo para uma verdadeira conversão pastoral em cada comunidade paroquial se dá no fortalecimento do percurso e na promoção da experiência dos conselhos pastorais diocesanos, paroquiais e comunitários, a partir destes se realizam as Assembleias Pastorais, nas quais todos os agentes, unidos e em testemunho sinodal, avaliam a caminhada e buscam dar respostas, com criatividade e responsabilidade, às necessidades evangelizadoras que se descobrem nas realidades paroquiais, regionais e diocesana.

d) - Pela alegria de sermos discípulos missionários.

92. O discípulo de Jesus Cristo, que O encontra pessoalmente para comemorar o primeiro chamado, conhece-se e se compreende constantemente como discípulo missionário, e isso implica segui-Lo e viver em intimidade com Ele, imitando o Seu exemplo e dando verdadeiro testemunho d'Ele. Cada batizado recebe de Cristo, como os Apóstolos, o mandato da missão: *“Ide por todo o mundo e anunciai a boa nova a toda a criação. Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16, 15). Porque ser discípulos e missionários de Jesus Cristo e buscar a vida “Nele” significa estar profundamente enraizados Nele”*. (Bento XVI, Discurso inaugural V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, 13 de maio de 2007). Ser primeiro discípulo-missionário de Jesus Cristo é encorajar, através de encontros querigmáticos, que as vicissitudes desta sociedade tão líquida não nos façam perder a força que o Espírito Santo nos dá, para sermos testemunhas creíveis do Senhor Ressuscitado.
93. O discípulo-missionário, que com a sua vida leva a Boa Nova do Senhor por onde passa, deve ser percebido pela sua perseverança, paciência, mansidão, sentido de humor, audácia, fervor, identidade comunitária e, sobretudo, pela sua alegria, pela partilha com os outros da experiência do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, como bem expressou o Papa Francisco: *“Quando a Igreja chama à tarefa de evangelização, nada mais faz do que indicar aos cristãos a verdadeiro dinamismo de realização pessoal: “Aqui descobrimos outra lei profunda da realidade: que a vida se realiza e amadurece à medida que se dá para dar vida aos outros. Essa é, em última análise, a missão. Portanto, um evangelizador não deve ter permanentemente um rosto fúnebre. Recuperemos e aumentemos o fervor [...] A alegria doce e reconfortante de evangelizar, mesmo quando é necessário semear através das lágrimas [...] E espero que o mundo de hoje - que busca, ora com angústia, ora com esperança - possa assim receber a Boa Nova, não através de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas através de ministros do Evangelho, cuja vida irradia o fervor daqueles que receberam, sobretudo em si mesmos, a alegria de Cristo”* (EG 10).

e) - Com a Esperança que não decepciona.

94. No significativo dia da abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, 11 de outubro de 1962, o Papa São João XXIII pronunciava as seguintes palavras: *“No exercício diário do nosso ministério pastoral, às vezes chegam aos nossos ouvidos, ferindo-os, certas insinuações de algumas pessoas que, mesmo no seu zelo ardente, carecem de sentido de discricção e de medida. Eles não veem nos tempos modernos nada, além de prevaricação e ruína; dizem que os nossos tempos, comparados com o passado, têm piorado; e comportam-se como se nada tivessem aprendido da história, que continua a ser mestra da vida, e como se na época dos Concílios Ecumênicos anteriores, tudo tivesse ocorrido com um triunfo absoluto da doutrina e da vida cristã, e da justa liberdade de a Igreja. Parece-nos justo discordar de tais profetas de calamidades, habituados a sempre anunciar acontecimentos infelizes, como se o fim dos tempos fosse iminente. No presente momento histórico, a Providência conduz-nos a uma nova ordem de relações humanas que, pela própria obra dos homens, mas ainda, acima da sua própria intenções, visam a realização de planos superiores e inesperados; porque tudo, mesmo as adversidades humanas, está preparado para o bem maior da Igreja”*. (São João XXIII, Discurso na solene abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, 11 de outubro de 1962). Estas palavras sábias e fortes do Sumo Pontífice, hoje São João XXIII que, inspirado pelo Espírito Santo, ousou ser pioneiro na vida da Igreja precisamente com a realização do Concílio Vaticano II. Como é evidente, são palavras cheias de esperança provenientes da presença sempre ativa do Senhor Ressuscitado na sua Igreja.
95. Um crente sem esperança não ousará dar passos firmes como discípulo-missionário de Jesus Cristo, pois *“Uma das tentações mais graves que afoga o fervor e a audácia é a consciência da derrota que nos transforma em pessimistas queixosos e desencantados com o vinagre na face. Ninguém pode empreender uma luta se não confiar antecipadamente na vitória. Quem começa sem confiança, perdeu metade da batalha de antemão e enterra seus talentos. Mesmo com a dolorosa consciência das próprias fragilidades, é preciso seguir em frente sem declarar derrota e lembrar o que o Senhor disse a São Paulo: “A minha graça te basta, porque a minha força se manifesta na fraqueza”* (EG 85). Portanto, seguindo as palavras do Papa, a esperança é contrária a todo pessimismo e derrotismo, é um espírito de certeza e convicção na ação de Deus que leva adiante a sua obra e os seus acontecimentos, muito além do simples otimismo humano. Portanto, a esperança é uma virtude teológica.

96. Iniciar como Igreja diocesana, a partir desta certeza de esperança que não decepciona, é sobretudo gritar ao mundo que os membros de nossa Igreja Particular, como discípulos missionários de Jesus Cristo, cheios da força do Espírito Santo, acreditam firmemente que são muito mais do que a materialidade, para a qual a sociedade de mentalidade mercantilista, utilitarista, consumista e de aparência tenta nos inclinar dia após dia. Esta virtude cristã recorda a todos: *“Esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e que nos pode propor e dar-nos aquilo que não conseguimos alcançar sozinhos. Na verdade, ser abençoado com um presente faz parte da esperança. Deus é o fundamento da esperança; mas não um deus qualquer, mas o Deus que tem rosto humano e que nos amou até ao extremo, a cada um em particular e para a humanidade como um todo. O seu reino não é uma vida após a morte imaginária, localizada num futuro que nunca chega; O Seu reino está presente onde Ele é amado e onde o Seu amor nos alcança. Só o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar dia após dia com toda a sobriedade, sem perder o impulso da esperança, num mundo que por sua natureza é imperfeito”* (Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, n. 31, 30 de novembro de 2007). O amor que este Deus de rosto humano mostra a todos, nos encoraja e sustenta no presente, ao mesmo tempo que nos impulsiona à esperança no reino futuro. Todos os diocesanos assumindo a missão com lucidez e esperança teremos a condição digna para celebrar as tantas maravilhas, constatadas no caminho preparatório desse jubileu - *Memória, Gratidão e Missão*.
97. Como Pastor desta Igreja diocesana, que por graça e misericórdia divina marcha para viver o Centenário diocesano, convoco todos que tenho o dever de pastorear à sermos ousados como os primeiros a darem estes passos para retomar a herança do passado, a partir da nossa realidade presente, e projetar o nosso futuro eclesial diocesano. Seja a esperança a iniciativa de um impulso renovado e consciente para reanimar-nos em nosso caminho e impedir sempre que nos esqueçamos da meta que nos espera. Avancemos e acreditemos na comunhão, dando sentido e vivacidade a tudo o que nos ajuda a ser comunidade, sinal-sacramento, de verdadeira caridade, na qual nasce a unidade. Somente a partir do testemunho de unidade que oferecemos como Igreja diocesana seremos um sinal credível num mundo cansado de divisões e ambiguidades. Que a esperança nos (re)anime e inspire sempre, para que, a partir da fé e com um verdadeiro compromisso de amor, possamos ser e viver como autênticas pedras vivas desse edifício espiritual que é a Diocese de Valença.
98. Maria, a Senhora da Glória, *“mãe, mestra, imagem e modelo da Igreja”* venerada em nossa Sé Catedral, que guarda os símbolos da unidade eclesial diocesana, nos ensine a sermos verdadeiramente discípulos e discípulas em nosso tempo. E, para além do Centenário, com o testemunho de São Sebastião, grande mártir da fé e nosso padroeiro, sejamos promotores da Vida e da Verdade que é o próprio Cristo, neste nosso chão, como testemunhas alegres e esperançosos da salvação.

Dado e passada em nossa Cúria Diocesana aos 27 de Março de 2024.

Dom Nelson Francelino Ferreira.
Bispo de Valença

ORAÇÃO PELO CENTENÁRIO DA DIOCESE DE VALENÇA

*Deus e Pai nosso, fonte e origem da história,
impulsionados por Vosso Santo Espírito,
agradecemos o dom da fé em Cristo,
recebido e transmitido no anúncio do Evangelho
nos 100 Anos da Diocese de Valença.*

*Confiantes, suplicamos amparo para seguir o caminho,
na escuta humilde e proclamação sincera do Evangelho,
como verdadeiras testemunhas de Cristo,
seguindo o exemplo de São Sebastião, o nosso padroeiro.*

*Renovai-nos no compromisso batismal,
no discipulado missionário e no compromisso com a casa comum.*

*Inspirados pelo ardente testemunho dos nossos bispos,
padres, consagrados e leigos que,
incansavelmente se doaram no serviço do Reino
nessas terras do “Vale do Café”,
sigamos na promoção dessa nossa linda história,
marcada pela pluralidade dos dons e carismas.*

*Seja o perdão a nossa atitude de renovação
e a Eucaristia o alicerce da nossa fé,
para vivermos e celebrar, como peregrinos da esperança,
este tempo jubilar da Graça de Deus,
a fim de que possamos seguir o Caminho como Igreja diocesana,
na sinodalidade, na verdade, no amor, na partilha, na justiça e na paz,
onde todos sejam, verdadeiramente, irmãos e irmãs.*

*Vos pedimos, ó Pai, por Vosso Filho Jesus Cristo,
que vive e Reina, pelos séculos dos séculos.*

Amém!

